

A LENDA DE ARTHUR EM MONTY PHYTON EM BUSCA DO CÁLICE SAGRADO

Rodrigo Janoni Carvalho¹

Resumo: Nesse artigo buscamos realizar uma análise histórica a partir de uma fonte cinematográfica cômica. O uso de um filme deste estilo introduz temáticas de um cotidiano passado, em questão, o medievo inglês, com cenas tratadas de forma irônica. O filme utilizado reúne um grupo conhecido como os Cavaleiros da Távola Redonda e sua missão é a busca do cálice sagrado.

Palavras-chave: Inglaterra medieval, Rei Arthur, Monty Phyton.

Abstract: In this article we looked for to accomplish a historical analysis starting from a cinematographic source of comic character. The use of a comic film introduces themes of that daily past in analysis, the English medieval times, with scenes in an ironic way. The film used here gathers a known group as Knights of the Round Table and their mission is the search of the holy grail.

Keywords: Medieval England, King Arthur, Monty Phyton.

1. INTRODUÇÃO

A ampliação da pesquisa para além dos textos é um tema que ganha espaços com a *Escola dos Annales*, de Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929. Estes autores convidam os historiadores a deixarem seus gabinetes e procurarem fontes em qualquer lugar, por quaisquer meios, proporcionando contornos mais amplos à produção textual, caracterizando uma total transformação da visão tradicional da história que predominava. Assim escreve Ciro Flamarion:

De lá para cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Desta forma, novos textos,

¹ Acadêmico do curso de História pela Universidade Federal de Uberlândia.

tais como a pintura, o cinema, a fotografia etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador ².

Nesse sentido, é possível realizar uma aproximação da história com outras ciências humanas na utilização de diferenciadas fontes. O conhecimento se torna mais rico em vistas do uso e exemplificação de momentos históricos por recursos como fotografias ou filmes. É claro que se deve ter consciência de certos cuidados nessas análises. O uso destas fontes não corresponde à totalidade da obra no mundo a que ela se refere. Todavia, um filme pode nos trazer imagens produtivas sobre determinado assunto.

Como na análise aqui proposta, o uso de um filme cômico introduz estes fatos com possíveis críticas ao período em questão. Com base em exemplos daquele cotidiano passado, algumas cenas são tratadas de forma irônica. Em uma análise aprofundada podemos formular hipóteses sobre possíveis objetivos críticos da obra.

A obra em questão aborda a lenda do Rei Arthur em busca do cálice sagrado. O filme foi um grande sucesso enquanto esteve em cartaz em 1975, e ainda, mantém uma legião de fãs por todo mundo. *Em Busca do Cálice Sagrado* (originalmente *Monty Phyton and The Holy Grail*) é mais um filme de comédia deste grupo inglês que teve uma série de sucesso na rede de televisão inglesa BBC (*British Broadcasting Corporation*). É considerado por muitos como o melhor filme de humor britânico além de uma das maiores comédias de todos os tempos.

O programa de televisão (*Monty Phyton's Flying Circus*) de 1969 se tornou um fenômeno e os Pythons não se limitaram apenas a ele. *Em Busca do Cálice Sagrado* é um exemplo. Além disso, eles espalharam-se por outros filmes, shows, rádios, games e livros. O grupo é formado pelos atores Eric Idle, Graham Chapman, John Cleese, Michael Palin, Terry Gilliam e Terry Jones. Monty Phyton foi escolhido por acharem o nome engraçado. Monty seria relacionado a um lendário general britânico da Segunda Guerra Mundial e Phyton por ser apenas uma palavra evasiva.

Existem cinco filmes feitos por Monty Phyton: *And Now For Something Completely Different* (1971), *Monty Phyton and the Holy Grail* (1975), *Life of Brian* (1979), *Monty Phyton Live at the Hollywood Bowl* (1982) e *The Meaning of Life*

² CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da História*. São Paulo: Ed. Campus, 1997. 568 p.

(1983). Além disso, possuem cerca de 15 álbuns e algumas peças de teatro como *Monty Python's Spamalot* (inspirado no *Em Busca do Cálice Sagrado*)³.

O filme que ora analisamos se passa na Inglaterra medieval do Rei Arthur que reúne um grupo conhecido como os Cavaleiros da Távola Redonda. Sua missão é a busca do cálice sagrado. Na trama, esta missão foi diretamente transmitida por Deus. O ambiente em que se passa o enredo está repleto de aspectos medievais que se relacionam com outros aspectos totalmente desconexos daquele contexto. Assim, por meio da análise de um filme de comédia é possível observar elementos históricos de uma forma diferenciada.

2. ANÁLISE DA OBRA

A lenda de Arthur e seus cavaleiros, como as histórias que envolvem o Cálice Sagrado merecem algumas pontuações. Seria Arthur apenas uma lenda ou parte de nossa história? Por mais que não existam muitos dados verídicos sobre sua figura de historicidade discutida, muito se escreveu ou produziu a respeito dele. A lenda é uma das mais conhecidas no imaginário popular, não apenas inglês, como de várias partes do mundo e possui uma enorme riqueza de detalhes que deu margem a várias versões inspirando obras literárias, filmes e arte.

Para muitos estudiosos, Arthur teria sido algum chefe de uma tribo guerreira que povoava a Grã-Bretanha dos séculos V e VI, destacando-se por sua bravura e liderança contra os invasores saxões. De qualquer forma, Arthur acabou se tornando um dos maiores heróis de histórias derrotando exércitos com sua espada mágica, a Excalibur. Em 1485, o escritor francês Sir Thomas Mallory, redige *La Morte D'Arthur - A Morte de Arthur*. No século XIX, muitos romances surgem com a temática, e no século XX, é a vez do cinema absorver a lenda em filmes e desenhos animados. Além disso, outro grande escritor, do século XX, o inglês Bernard Cornwell, ficou famoso por ter escrito a história de Arthur numa versão com magia, druidas e com o mago Merlin, naquele contexto de lutas entre povos celtas, saxões e anglos.

³ Informações retiradas de uma espécie de site oficial do grupo mantido por Eric Idle. Disponível em: <<http://www.pythonline.com>>. Acesso em: 21 jan. 2009.

O Cálice Sagrado também é um grande mistério para além dos romances arthurianos. Nada se sabe de concreto do mesmo, mas as lendas sobre sua existência ou seus guardiões permanecem no imaginário em variadas representações. De acordo com um dos mitos, José de Arimatéia – homem rico, senador na época e posteriormente santificado – teria recolhido o dito Cálice Sagrado usado na última ceia de Jesus Cristo, onde também, teria jorrado seu sangue quando recebera um golpe de misericórdia durante sua crucificação.

Um poeta e trovador francês, Chrétien de Troyes, do século XII, tornou a lenda popular através de seus romances, particularmente no livro “*Le Conte du Graal*”, publicado em torno de 1190. Por volta de 1200, outro francês publicara “*L’Estorie du Graal*”, sendo uma das versões mais populares. A busca pelo Cálice ou as cruzadas travadas representavam uma busca da perfeição pelos cavaleiros. Nesse sentido, a literatura medieval encontra uma aura temática de grande aceitação. Neste espaço que se encontram as lendas do Cálice e a de Arthur no seu reinado em Inglaterra. Nessas adaptações românticas ao longo do tempo aparecem várias influências no choque entre as culturas cristã e pagã, como a celta. O famoso mago Merlin seria um exemplo desta união.

Enfim, diante de histórias que pouco podem ter de real, por suas existências discutidas, como o próprio rei Arthur, fato é que todas essas histórias permanecem no imaginário das pessoas ao longo do tempo. Seus reflexos estão presentes nas representações artísticas, sendo *Em Busca do Cálice Sagrado* uma delas.

Estudar tempos passados através do imaginário é uma importante fonte de pesquisa para historiadores. Jacques Le Goff, escritor francês, é um dos principais teóricos nessa área. O imaginário é um modo de pensar e sentir sendo um conceito amplo que embarca as mentalidades e sensibilidades. Para Le Goff, a história sem imaginário é “desencarnada” sendo este uma imagem necessária para compreender o medievo para além da representação gráfica.

O que nos permite pensar determinada temporalidade através do imaginário e suas permanências é a idéia de longa duração, em que “*esta longa Idade Média é a do cristianismo dominador, um cristianismo que é simultaneamente uma religião e uma ideologia e que mantém, portanto, uma relação muito complexa com o mundo*”

feudal contestando-o e justificando-o ao mesmo tempo”⁴. Dessa forma, para este autor, a hipótese de longa Idade Média, vai do século IV ao XVIII, quer dizer “entre o fim do Império Romano e a Revolução Industrial”⁵.

[...] a (longa) Idade Média deve ser considerada um universo oposto ao nosso: mundo da tradição anterior à modernidade, mundo rural anterior à industrialização, mundo da toda poderosa Igreja anterior à laicização, mundo da fragmentação feudal anterior ao triunfo do Estado, mundo de dependências interpessoais anterior ao assalariamento. Em resumo, a Idade Média é para nós um antimundo, anterior ao reinado do mercado. Essas rupturas não devem ser creditadas ao Renascimento, mas, no essencial, à Revolução Industrial e à formação do sistema capitalista⁶.

Nesse sentido, podemos explorar o imaginário medieval através de algumas produções que apresentam “resquícios” daquele mundo. Mesmo que a fonte seja um filme de comédia, que propositalmente apresenta equívocos e anacronismos. A partir destas ponderações, observemos o enredo do filme adotado. *Monty Python Em Busca do Cálice Sagrado* começa exibindo seu elenco de uma forma bastante hilariante, em que o narrador indaga:

Porque não sair de férias para a Suécia esse ano?
Ver os lagos bonitos.
E o maravilhoso sistema telefônico.
E animais peludos interessantes.
Como o alce, por exemplo.
Uma vez, um alce mordeu minha irmã.
[...].

Os narradores são sucessivamente demitidos e se resolve fazer as legendas de um jeito diferente. Coloca-se como fundo de plano uma temática mexicana, totalmente desconexa com o tema e período propostos. Além disso, se fazem referências no elenco apenas com os alces, como suas coreografias, adereços e narizes. E assim termina, “*Vão se lixar! As mordidas de alce doem pra valer!*”. É nesse sentido que se baseia essa comédia repleta de ironias dos aspectos medievais com assuntos desconexos daquela realidade, mas que apesar destes complexos anacronismos, podemos apontar algumas referências coerentes na obra.

⁴ LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1995, p. 38.

⁵ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal. Do ano mil à colonização*. São Paulo: Globo, 2006, p.44.

⁶ Idem, p. 45.

Enfim, se inicia a história de Sir Arthur. Estamos na Inglaterra, 932. d.C. O filme começa com a personagem cavalgando sem cavalo com cocos nas mãos. A data também não é muito coerente de acordo com a possível existência do rei por volta dos séculos V e VI d.C. Ele e seu escudeiro chegam em um castelo na intenção de agregar cavaleiros ao seu grupo de Camelot. Os castelos são um dos ícones da Idade Média no imaginário das pessoas, certamente uma das primeiras impressões que nos remete o medievo. O rei discute com o guarda a respeito de cocos e, posteriormente, andorinhas ⁷. Novamente, uma passagem sem coesão dos assuntos, entretanto de caráter cômico próprio do filme.

Logo após, há uma referência ao medievo com o tratamento dado aos mortos. Todavia, ironicamente, há um exagero nesse trecho, em que os mortos são carregados em uma carroça e uma espécie de fiscal paga moedas para quem os forneça. Os “semivivos”, pessoas em condições precárias, se escondem em barris ou sacos para que não sejam levados. Vale lembrar as péssimas condições de vida nesse período histórico, em grande parte das localidades pela Europa. Por um lado, ficar doente era sinônimo de morrer, por outro lado, os métodos medicinais eram muito atrasados.

Um homem carregando um velho, ainda vivo, em suas costas chega ao fiscal que lhe paga nove moedas e mais uma pancada no velho, agora desmaiado, para colocá-lo na carroça também. Em seguida, o fiscal reafirma que voltará na quinta seguinte em determinada hora e que estaria disposto a pagar por mais corpos. Esta sistematização do tempo é um reflexo posterior predominante no século XII, com o tempo do mercador que colabora em desfazer as divisões do dia que a Igreja propunha baseadas inteiramente nas rezas de três em três horas:

Os estatutos das corporações, bem como os documentos propriamente comerciais – contabilidade, relações de viagens, práticas comerciais e as letras de câmbio que começam a difundir-se nas feiras de Champagne, tornadas nos séculos XII e XIII o clearing-house do comércio internacional – tudo indica que a justa medição do tempo interessa, cada vez mais, ao bom andamento dos negócios. [...] A partir de agora, o que conta é a hora nova, medida da vida: nunca perder uma hora de tempo ⁸.

⁷ Há uma interessante análise feita sobre o assunto por Jonathan Corum, em inglês. *Estimating the Airspeed Velocity of an Unladen Swallow*. Disponível em: <<http://www.style.org/unladenswallow>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

⁸ LE GOFF, Jacques. *Para Um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa. 1980, pág. 52-73.

Bom andamento dos negócios, de forma hilária e crítica, relacionado com o recolhimento de cadáveres. A respeito das condições precárias e, principalmente, das doenças, Le Goff também escreve que “*com a peste negra, a partir de meados do século XIV, o medo do contágio torna-se então um pânico. Acredita-se também que a lepra é contagiosa e os leprosos são isolados em leprosários [...]*”⁹ As condições sanitárias e as reações quanto às doenças demonstravam a pouca informação e desenvolvimento de instrumentos de combate nos tempos medievais.

Outra questão na citada obra é sobre a velhice. Como observado no trecho acima, tais questões complicadas de vida não propiciavam a chegada a uma idade avançada. Normalmente, as pessoas não viviam até a terceira idade devido às doenças. Prosseguindo o enredo, Arthur passa ao meio desse caos e chega em um local cheio de trabalhadores. Então, é questionado por eles:

Camponesa: Como se tornou rei? Explorando o povo? Mantendo um dogma imperialista?

Arthur: Vocês não sabem quem eu sou. Eu sou Arthur, rei dos bretões.

Camponesa: Eu não sabia que tínhamos um rei, pensava que éramos todos autônomos.

Camponês: Está enganada, vivemos num regime de ditadura, uma autocracia, onde a classe trabalhadora...

Camponesa: Não temos um soberano, somos uma comunidade anarco-sindicalista, alternamos semanalmente a chefia da comunidade.

Arthur: Sou seu rei!

Camponeses: Eu não votei em você!

Arthur fala que se tornou rei e que deve guardar a Excalibur, a espada lendária. O camponês implica e ele o manda se calar. Eles questionam Arthur de que estão sendo reprimidos por isso que vivem em uma ditadura. Percebe-se aí a tal ironia com o período, fortemente complacente com referências da ignorância do povo e ainda, sua engajadura em movimentos próprios como um sindicalismo anarquista ou a questão de voto.

Esses são fatos definitivamente nada conexos com o período. Além disso, pode-se inferir que há uma inadequação de conceitos como relacionar movimentos anarquistas com uma questão de representatividade. Ambos ideais que apareceriam

⁹ LE GOFF, Jacques. *Por Amor às Cidades. Conversações de Jean Lebrun*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998, pág. 83.

somente mais tardiamente fora daquela estrutura medieval. A estrutura social naquele momento era totalmente diferente, basicamente havia três grupos distintos, como escreve Georges Duby: “Assim começavam emergir três grupos econômicos basicamente distintos: os escravos, totalmente alienáveis, os camponeses livres e os homens ricos (príncipes, nobiles), senhores do trabalho dos outros e dos seus frutos”¹⁰.

A partir da tríade oratores (clero), bellatores (guerreiros) e laboratores (camponeses), a sociedade feudal se pautava harmonicamente. Uma idéia que se pode levantar nesse sentido procede na condição de vida que os camponeses se encontravam, em que reivindicavam direitos somente em condições de injustiça, mas viver naquela dependência do senhor era uma relação harmônica onde cada um tinha seu lugar na sociedade sem possibilidade de mudanças e que de certa forma mantinha a sociedade “estável” com auxílio do catolicismo.

Seguindo seu caminho, o rei Arthur chega a uma floresta onde encontra dois cavaleiros lutando. Ambiente bastante padrão da época e fundamental onde o “*clima favorecia sobretudo o crescimento florestal. Durante todo este período, a floresta parece ter dominado toda a paisagem natural. [...] Até finais do século XII, a proximidade de vastas reservas florestais refletia-se em todos os aspectos da civilização*”¹¹. Como o castelo, a floresta é outro espaço que nos permeia a mente ao pensarmos sobre o medievo.

As florestas representavam uma grande fonte de sobrevivência, sendo que em alguns lugares havia discussões entre camponeses livres antes da exploração destes ambientes. Esse ambiente ficcional compreendia um importante espaço no imaginário. Após o combate dos cavaleiros, Arthur convida o vencedor a se juntar ao seu grupo. Este não aceita e não o deixa passar pela travessia. Eles lutam e em um show de efeitos toscos, o cavaleiro perde seus braços e pernas.

Arthur continua sua viagem e chega a um pequeno vilarejo, um local simples e com os mesmos padrões dessas áreas urbanas da época. As cidades “*durante a Alta Idade Média, encarquilhadas a um canto dos antigos limites, agora excessivamente*

¹⁰ DUBY, Georges. *Guerreiros e camponeses. Os primórdios do crescimento econômico europeu. Séc. VII-XII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978, pág. 43.

¹¹ Idem, pág. 17.

amplos, tinham ficado reduzidas quase exclusivamente à função política e administrativa, que estava também atrofiada”¹². Os “cadáveres” das cidades romanas não encerravam nas suas muralhas mais do que poucos habitantes, as cidades episcopais não abrigavam mais que um pequeno grupo clerical, sem outra vida econômica além do mercadinho local¹³.

Neste local, surgem monges realizando uma caminhada batendo suas Bíblias na cabeça. Depois, o povo revoltado exige a queima de uma moça que a consideram uma bruxa. Duas passagens bem irônicas com o papel na Igreja durante o medievo. Naquele momento ainda não existia uma instituição com a responsabilidade de julgar e punir os “desvios” de conduta católicos. As origens da Inquisição remontam a 1183, no combate dos cátaros de Albi, sul da França, por parte dos delegados pontifícios, enviados pelo Papa. A instituição da Inquisição ocorre apenas no Concílio de Verona¹⁴.

Um importante contraponto e crítica à Igreja foram as heresias que se multiplicaram durante os séculos XII e XIII. Os cátaros citados acima que proporcionaram o surgimento da Inquisição foram uma das principais correntes. Os hereges representavam uma quebra da ordem divina e social fundada sobre a *fides*, a fé católica. Eram uma tentativa de apontamento dos erros e desvios da instituição eclesiástica e seus abusos de poder. Para combatê-las:

o braço secular não deixou de atuar segundo os ditames da sociedade de guerreiros, que via na heresia uma falta grave, equivalente no plano religioso à quebra de um juramento de fidelidade do vassalo a seu senhor, de tal modo que “infidelidade” social e religiosa se confundem. E à medida que aumentavam o número de heresias e a sua influência, procurava-se aperfeiçoar os instrumentos mobilizados para combatê-las.¹⁵

Na aldeia, dois detalhes marcam essa passagem do vilarejo no filme. Primeiro são as vestimentas e a sujeira que as pessoas se encontram. Segundo, um velho homem fazendo a barba com creme de barbear no momento que o povo se revolta com um líder local, Sir Bedevere, que se alia com Arthur, posteriormente.

¹² LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1983, pág. 102.

¹³ LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1973, p. 14.

¹⁴ KAMEN, Henry. *The Spanish Inquisition: A Historical Revision*. Yale University Press. 1999.

¹⁵ FALBEL, Nachman. *Heresias Medievais*. Col. Khronos, 9. 1ª ed. 1977, 3ª reimpressão. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007. p. 15.

Por um lado, percebe-se a dificuldade que se tinha ao viver nesse período histórico, por outro, um total desligamento de temas como um senhor fazendo a barba, ainda mais com creme, que invoca uma idéia moderna. Logo depois, em Camelot, aparece uma taverna. Ambiente bastante significativo como a floresta ou castelos explicitados anteriormente. Conhecido também como taberna é um lugar de negócios onde pessoas vão tomar bebidas alcoólicas e se alimentar. Em tempos modernos, podemos compará-las com os *pubs*, muito comuns na Inglaterra.

Deus designa Arthur e seus cavaleiros para uma missão: buscar o Santo Graal. Este representado pelo cálice sagrado usado por Jesus Cristo na última ceia. Na verdade, a busca do cálice representa uma peregrinação à perfeição. O cálice é apenas um símbolo, pois o Graal é a perfeição. Seja em Cruzadas a Terra Santa ou a Santiago, na Espanha, a peregrinação possui o mesmo sentido. Em outra cena, Sir Galahad enxerga o cálice sagrado em cima de um castelo. Nesta cena, Galahad entra no castelo. Este era habitado apenas por mulheres. Ele recebe tratamento de duas supostas médicas. Com relação à medicina, Le Goff escreve:

Não há médicos bastantes e com conhecimentos suficientes, não há equipamentos. Dois tipos de tratamentos fundamentais são desde logo realizados em quase todos os casos: de um lado praticar a sangria, e, de outro, examinar urinas. O exame das urinas, e o diagnóstico que dele resulta, mesmo vindo de pessoas que haviam adquirido alguma formação, é, segundo nossos critérios, um ato de charlatanismo. Mas isso é considerado, na Idade Média, um ato científico [...] pela falta de conhecimentos suficientes do ponto de vista médico, não se sabe curar. Ficar doente é um desastre [...]¹⁶

A medicina naquele período era realmente complicada. No filme, um historiador intervém dizendo que Arthur deve seguir outro caminho e continua dando explicações. Em seguida, surge um cavaleiro que lhe corta o pescoço. Logo após, a polícia britânica aparece fazendo uma perícia do local do crime. Este fato é definitivamente desconexo aos acontecimentos e se repete no final do filme, em que surge um enorme exército que irá ajudar Sir Arthur e Sir Bedevere atacar um castelo apossado por franceses que haveria de conter o Santo Graal. Neste momento, a polícia entra em cena. A esposa do historiador morto diz que Arthur e Bedevere são os assassinos de seu marido. Eles são presos e do nada se finaliza o filme.

¹⁶ LE GOFF, Jacques. *Por Amor às Cidades. Conversações de Jean Lebrun*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998, pág. 82.

Um final incompreensível, porém adequado a uma comédia deste estilo sobre uma lenda medieval. Hipoteticamente, os autores podem estar realizando uma crítica a censura daquele período com o uso de recursos atuais, no caso, a polícia britânica relacionada as quaisquer forças repressivas medievais. Esta cena final é talvez a coisa mais absurda e sem sentido, mas que critica todo aquele modo de vida sem sentido e de “ignorância”.

Antes deste final, na lenda de Sir Lancelot, um rei deseja casar seu filho com a filha de um grande detentor de terras. Ele exalta esse casamento com a aquisição posterior de muitas terras. Percebe-se, neste período, tamanha influência advinda da terra. Era esta um elemento fundamental de prestígio e poder, de onde baseava o sustento, como descreve Duby:

A maneira como a unidade familiar se ligava ao solo, a combinação de direitos de propriedade, a que dedicava as suas energias e da qual retirava o sustento, é muito mais clara para nós. [...] Estas terras familiares continuavam a dever a sua existência ao cercado, de onde vinha o trabalho que as matinha férteis, local para onde era levado o que se produzia, e sobre o qual a aristocracia fazia todos os esforços para fortalecer o seu domínio, fossem os seus moradores livres ou não. [...] A aristocracia exercia pressão em toda a economia, principalmente através do seu poder sobre a terra. [...] O cultivo das propriedades baseava-se na utilização dum vasto corpo de escravos e camponeses.¹⁷

Em torno dessas relações a respeito da terra temos ainda a questão da vassalagem, que era uma característica fundamental do feudalismo e invocava todo um ritual de homenagem. A respeito desse juramento, “*servir ou, como também se dizia, auxiliar: - proteger: era nestes termos tão simples que os textos mais antigos resumiam as obrigações recíprocas do fiel armado e do seu chefe. [...] A obediência do vassalo tinha como condição a exatidão do senhor em cumprir os seus compromissos. [...] o vínculo pessoal era acompanhado de um vínculo real*”¹⁸. Essa relação de vassalagem era um dos meios de obtenção de terras. Dentre outras formas tinha-se a herança, doação, apropriação ou arrendamento. Como no casamento dos príncipes, posteriormente, haveria a herança das terras dos senhores envolvidos.

¹⁷ DUBY, Georges. *Guerreiros e camponeses. Os primórdios do crescimento econômico europeu. Séc. VII-XII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978, pág. 47-51.

¹⁸ BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 233-249.

Além dos cavaleiros explicitados, a jornada conta ainda com Sir Robin. Todos eles, os Cavaleiros da Távola Redonda, partem em uma busca pelo cálice sagrado, que está escondido em algum lugar do reino britânico. Nessa aventura medieval, vários elementos são identificados, às vezes condizentes com o período, outras vezes incoerentes, misturando concepções lendárias de um período de vivência difícil com um ótimo censo cômico.

É quase que um consenso geral que *Monty Python em Busca do Cálice Sagrado* é a melhor “comédia pastelão” de todos os tempos. Influenciou várias obras de comédia ao redor do mundo proporcionando risos e críticas àquela sociedade britânica medieval. O filme foi criado com um baixo orçamento de forma proposital. Como exemplo, temos a cena em que o grupo de Sir Arthur encontra um monstro com várias cabeças em uma caverna. Nesta cena foi utilizado uma animação barata e simples, evitando gastos maiores de uma maneira original e esquisita. Além disso, o uso de maquetes malfeitas é outra possibilidade, engraçada, como se observa neste trecho:

Lancelot: Olhe, meu rei.
[soam trombetas]
Rei Arthur: Camelot.
Sir Galahad: Camelot.
Lancelot: Camelot.
Patsy: É somente uma maquete.
Rei Arthur: Shh.¹⁹

O filme está entre as melhores e mais importantes comédias de todos os tempos. O tema em questão é bastante presente em variadas obras. Como escreve Georges Duby, “*a alta sociedade do século XIV está realmente intoxicada pelos romances de cavalaria. Um após outro, os chefes de Estado instituem em torno de sua pessoa ordens de cavalaria, da Jarreteira, de São Miguel, do Tosão de Ouro; pretendem imitar, com alguns companheiros escolhidos, as virtudes e proezas ritualizadas dos heróis da Távola Redonda*”²⁰.

Um filme, de modo geral, pode ser observado como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são só cinematográficas. O trabalho do

¹⁹ Extraído do site IMDB (The Internet Movie Database). Disponível em: <<http://www.imdb.com>>. Acesso em: 21 jan. 2007.

²⁰ DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 125.

historiador nem sempre se apóia na totalidade das obras. É preciso integrar o filme ao mundo social, ao contexto que surge e o confronto com elementos não-cinematográficos como: autor, produção, público, regime político, censura, etc. Dessa forma, um filme como este teve um impacto na década de 1970 que é diferente do impacto que propicia hoje.

É possível uma aproximação maior aos documentos iconográficos, seja como fontes ou objetos específicos de pesquisa histórica. Hoje, aos historiadores, o cinema é um dos enfoques na busca de apoio e complementação de informações. Ou seja, o cinema tal como outras fontes (pintura, música, leis, etc.) é uma das vias de acesso possíveis de problemáticas sob o ângulo da história. Ao utilizar este filme cômico, podemos observar sobre outro viés as condições medievais de vida, de forma que, ao analisar, compreendemos alguns elementos históricos de forma diferenciada, irônica e cômica.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal. Do ano mil à colonização*. São Paulo: Globo, 2006, p.44.

BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da História*. São Paulo: Ed. Campus, 1997. 568 p.

DUBY, Georges. *Guerreiros e camponeses. Os primórdios do crescimento econômico europeu. Séc. VII-XII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

_____. *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

FALBEL, Nachman. *Heresias Medievais*. Col. Khronos, 9. 1ª ed. 1977, 3ª reimpressão. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007

FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRANCO JR., Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. 2ª edição (revista e ampliada). São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

KAMEN, Henry. *The Spanish Inquisition: A Historical Revision*. Yale University Press. 1999.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1983.

_____. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1995.

_____. *Os Intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1973. [Brasiliense, 1995; José Olympio, 2003]

_____. *Para Um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa. 1980.

_____. *Por Amor às Cidades. Conversações de Jean Lebrun*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

Filmografia

Graham Chapman, John Cleese, Eric Idle, Terry Gilliam, Terry Jones, Michael Palin *Monty Python and the Holy Grail*. Python (Monty) Pictures Ltd. (1975), (91 min.), son., color.

Internet

CORUM, Jonathan. *Estimating the Airspeed Velocity of an Unladen Swallow*. <<http://www.style.org/unladenswallow>>, 2003.

<<http://www.imdb.com/title/tt0071853>>

<<http://www.pythonline.com>>